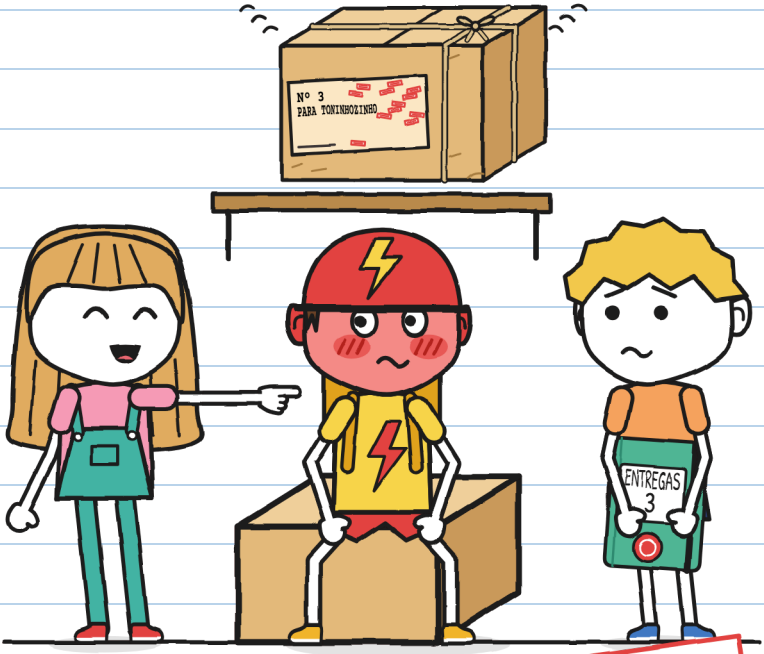
ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 3

Devolver, por favor

Lui Eriksson



(o caderno do Guto)

TAMANHO S
Nível inicial · 7+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 3
Devolver, por favor

Texto e ilustrações: Lui Eriksson

TAMANHO S · Nível inicial · 7+

Versão em português: LinguAula

Primeira edição: 2026

© 2026 Lui Eriksson · info@linguaula.com

Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.

Terceiro livro da série. Os anteriores: "Este pacote morde" e "Não abrir antes do trovão".

LinguAula

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

Nenhum entregador se machucou ao escrever este livro. Vermelho, sim. —J.



E eu leio primeiro. –J.

Se você encontrar, devolva. Por favor.

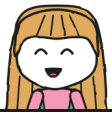


Este carimbo marca o que só acontece na história. Um pacote de verdade não volta voando. Com uma bicicleta de verdade, valem as regras da página 76. –J.

QUEM É QUEM



Guto. Entregador dos sábados. Desenha coisas que ninguém pediu. Este caderno é dele.



Júlia. Escreve em verde e assina J. Sempre sabe como ajudar. Esse é o problema.



Toninho. Entrega pela RAIO, de bicicleta. Em dez minutos ou de graça. Fica vermelho por partes.



Mara. A dona da Entregas Impossíveis. Usa chapéu de bruxa. Sabe mais do que diz.



Zoe. Da RAIO. A mais rápida. Dá os apelidos.



Bruno. Da RAIO. Furou o pneu uma vez. Faz dois anos.



O pacote nº 3. Toca quando mexem nele. Na etiqueta só tem um nome.

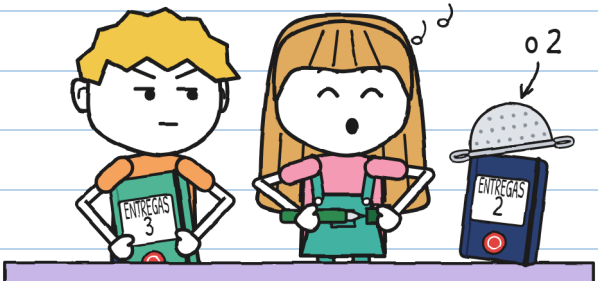


R. Manda os pacotes que ninguém consegue entregar. Ninguém diz o nome de R.

CADERNO DE ENTREGAS 3
do Guto

SECRETO.

"Secreto" quer dizer: eu leio primeiro. E não conto para ninguém. –J.



O caderno 2 acabou numa tempestade só. Este é verde e tem o carimbo da loja. Eu ia usar primeiro. Quem usou foi a Júlia.

Usei primeiro para te ajudar. De nada. –J.

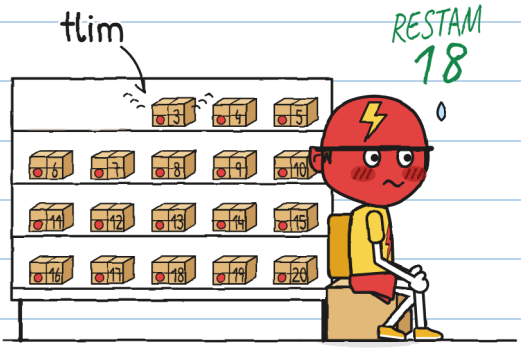
Eu não pedi ajuda. Com a Júlia, tanto faz.

CAPÍTULO 1

Tlim

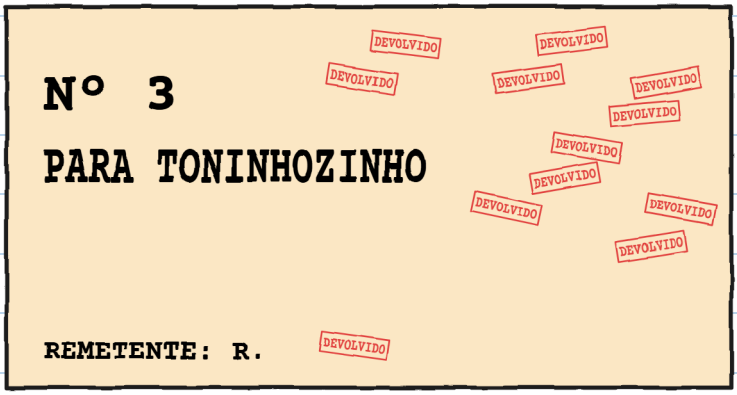
A Mara guarda na loja os pacotes que ninguém conseguiu entregar. Numa estante. Eram vinte. A Júlia e eu entregamos dois: um ovo de dragão e umas sementes que corriam. Restam dezoito.

Na noite da tempestade, a gente já ia para casa.
Um pacote tocou.
Tlim.



Era o nº 3. O Toninho entrega pela RAIO em dez minutos ou de graça. Ficou da cor do capacete.

Sem assinatura, os devolvidos voltam voando para a estante ao amanhecer. Só vale a assinatura de quem recebe o pacote. Na etiqueta. Com tinta que não apaga. R. é o remetente: quem manda os pacotes.



Júlia começou a ler a etiqueta:
— Para To...
Fechou a boca. Ela nunca para no meio de uma palavra. Olhei para o Toninho. Ele estava ficando vermelho.

Li meia palavra. A outra metade eu engoli. —J.

Tem gente que fica vermelha de repente. O Toninho, não. Ele fica vermelho por partes. Eu anotei.

VERMELHÔMETRO DO TONINHO



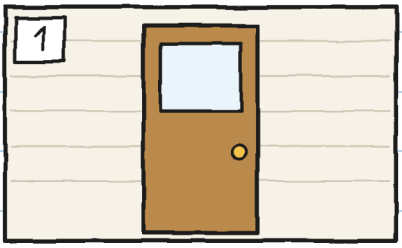
— Esse pacote pode esperar — disse Toninho, depressa. — Ele já espera há anos. Mais um dia. Ou dez. A RAIO não tem pressa.
Era a primeira vez que alguém da RAIO dizia isso.

Naquela noite: 4. Eu queria anotar em vermelho. Só tenho verde. —J.

— Hoje à noite não se abre nada — disse Mara. — E ninguém mexe na estante sem permissão.
Ninguém mexeu. O tlim tocou de novo.
Tlim.
— Foi a porta! — disse Júlia.

Quando eu não entendo uma coisa, faço uma lista.

SUSPEITOS DO TLIM



a porta



a bicicleta do Toninho



o sapo de borracha



o nº 3

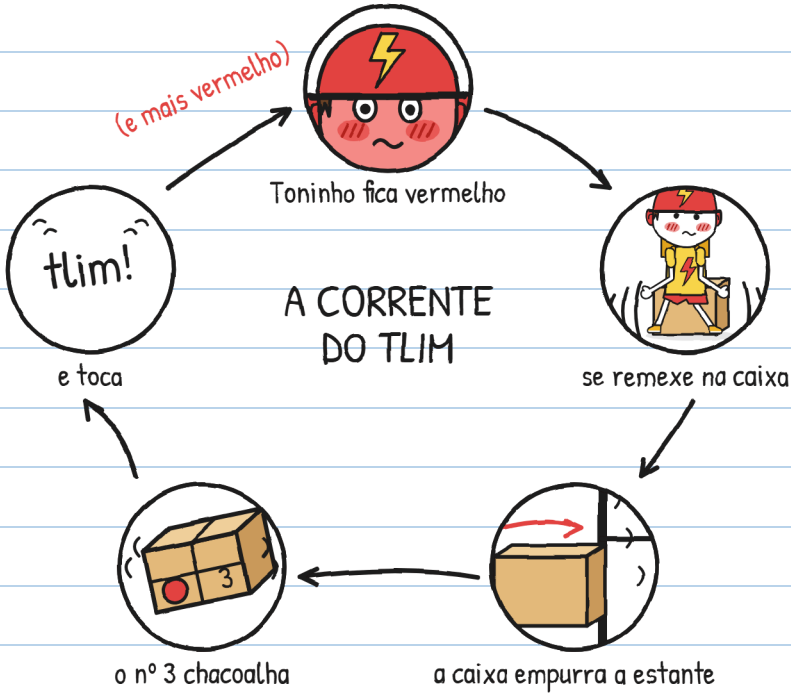
O sapo é inocente. Eu conheço bem. —J.

Saí para testar os sons na calçada. Já não chovia. Abri e fechei a porta: nhiiic. Toquei a campainha da bicicleta: TRIIIM! Apertei o sapo: quic.



Júlia dizia não com o dedo. Nenhum soava assim. Entrei. Toninho se mexeu, sentado na caixa dele. Tlim.

Eu me abaixei. A caixa do Toninho encostava no pé da estante.



Não era magia. Era o Toninho.
Alguma coisa toca dentro do nº 3 quando mexem no pacote.

Como eu. –J.

Toninho decidiu ficar quieto. Durou isto:

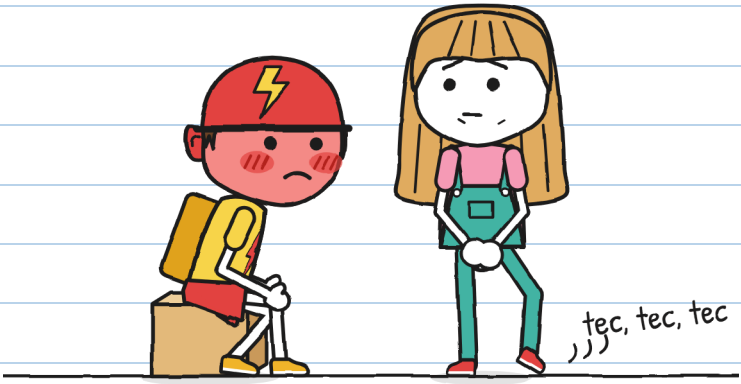


Era só uma pergunta. Pergunta não empurra estante. –J.

Essa, sim.

— Era eu — disse Toninho, olhando para os tênis.
— Quando eu era pequeno.
Ele falou muito baixinho. O sapo ouviu melhor do que eu.

Júlia abriu a boca. Tinha muitas perguntas.
Toninho continuava olhando para os tênis. Júlia olhou para ele e fechou a boca.



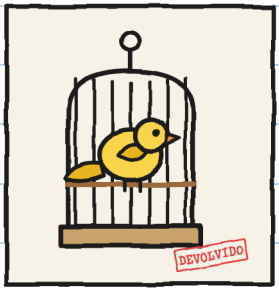
— Não pergunto mais — disse Júlia.
Foi difícil para ela. Ela mexia o pé.

Perguntas que eu não fiz: nove. Tenho todas anotadas. —J.

— Por que você nunca entregou? — perguntei à Mara.

— Eu levei doze vezes. Olha a etiqueta: sem rua, sem número da casa, sem sobrenome. Tentei com todos os Toninhozinhos que encontrei.

OS TONINHOZINHOS DA MARA



1. Um canário.
(Pisou na etiqueta. Não vale.)



2. Don Antonio, 71 anos.
("Quem me dera".)



3. Uma barca do canal.
(Não tem mãos.)

— E o Toninho? — perguntou Júlia.

— Da última vez, eu ainda não conhecia o Toninho — disse Mara, olhando para ele. — Ninguém me disse o nome dele de pequeno.

Mara tirou um pano roxo de baixo do balcão. Cobriu o nº 3. Como a gaiola de um papagaio na hora de dormir. Afastou a caixa do Toninho dois palmos da estante.
— Pronto. Agora você pode se mexer.



Toninho podia ir embora de bicicleta. Estava na porta. Em dez minutos, atravessava o bairro. Sentou de novo.
Não sei por quê. Anoto assim mesmo. A caixa dele não tem encosto para apoiar as costas. Desenhei um.

Ninguém pediu um encosto. —J.

Na hora de fechar, Toninho era o último. Estava afivelando o capacete.

— Mara. Amanhã eu venho falar do pacote. Em particular.

— Esses dois são da loja.

Toninho olhou para nós.

— Esses, tudo bem. Mas ninguém da RAIO.



O pacote era para o Toninho. Faltava saber se ele queria.

Eu já sei como ajudar o Toninho. —J.

É isso que me preocupa.

CAPÍTULO 2

Eu não disse que sim

Aos domingos a loja fica fechada. Mara deixou a porta de enrolar meio aberta. Pendurou um cartaz: FECHADO (menos para você).

Toninho chegou às onze. Antes de entrar, olhou para os dois lados da rua. Como quando você vai atravessar. Não vinha ninguém da RAIO.



A gente chegou às dez e meia. Por via das dúvidas. —J.

Mara pôs o nº 3 no balcão. Tirou o pano. Falou como quem lê um cartaz:

— Pacote número três. Para Toninhozinho. É você?

— Era.

— Serve. Você quer?

Toninho olhou para a caixa. A caixa não disse nada.

— Eu não disse que sim.

— Também não disse que não.

— Eu disse: "Eu não disse que sim".



Três frases para não assinar. Contei todas. —J.

Toninho pegou a caixa como se pega uma panela quente. Pesou. Virou. Pôs perto da orelha. Balançou um pouco.
Tlim.
Largou depressa.

— E se ele leva o pacote? — disse Júlia. — Uma noite na casa do Toninho e já está entregue. É pura lógica.
— O carimbo de volta não funciona por lógica — disse Mara. — Funciona por tinta.

CONTA COMO ENTREGA?	
 Olhar	NÃO
 Segurar	NÃO
 Levar para casa	NÃO
 Assinar a etiqueta com tinta que não apaga	SIM

O carimbo e eu não pensamos igual. —J.

— Júlia, Guto: essa entrega é de vocês — disse Mara. — Como a do trovão. Três condições.

Ela contou nos dedos:

1. Vocês não abrem a caixa. A etiqueta fica colada.
2. O nº 3 só sai da loja quando o Toninho pede.
3. Quem recebe assina, se quiser. Sem assinatura, o pacote volta ao amanhecer. Não acontece nada.

— E se ele nunca quiser? — perguntou Júlia.

— Então nunca.



"Nunca" não é uma data de entrega. —J.

Toninho ficou calado por muito tempo. Júlia marcou o tempo: quatro minutos. Para a RAIO, quase meia entrega.

— Eu levo — disse Toninho. — Fechada. Para pensar. Por enquanto.
— É você que pede? — perguntou Mara.
— Sou eu que peço.

Anotei como o nº 3 saiu. Assim ninguém podia negar:

FICHA DE SAÍDA

- [x] Caixa: fechada
- [x] Etiqueta: colada
- [x] Quem pede: Toninho
- [ ] Assinatura: ainda não



Lá fora, Toninho pôs o nº 3 na cestinha da bicicleta. Largou. Tocou: tlim.

Olhou o guidão e a campainha da RAIO. Parecia lembrar de alguma coisa.

— O que foi? — perguntou Júlia.

— Nada.

Toninho foi a pé, com a bicicleta na mão. Ele nunca vai a pé.



"Nada" era "alguma coisa". Precisamos ajudar. —J.

Da porta, vi duas bicicletas da RAIO paradas na esquina.

— Toninho! O que você leva na cestinha? — gritou uma menina. A trança dela chegava à cintura.

— Uma entrega.

— Para quem?

— Para um cliente.

Não mentiu. Antes de responder, virou a caixa. A etiqueta ficou virada para ele. A RAIO não conseguia ver.



Agora entendo aquilo de "ninguém da RAIO". –J.

Naquela noite, deixei a persiana do meu quarto levantada. Moro em frente à loja. Eu queria ver se o nº 3 voltava.

— Guto? — disse minha mãe, do corredor. — O que você está fazendo acordado?
— Estou vigiando um pacote.
— Bom. Mas vigia de pijama.



Eu também queria vigiar. Pela minha janela só se vê um pátio. —J.

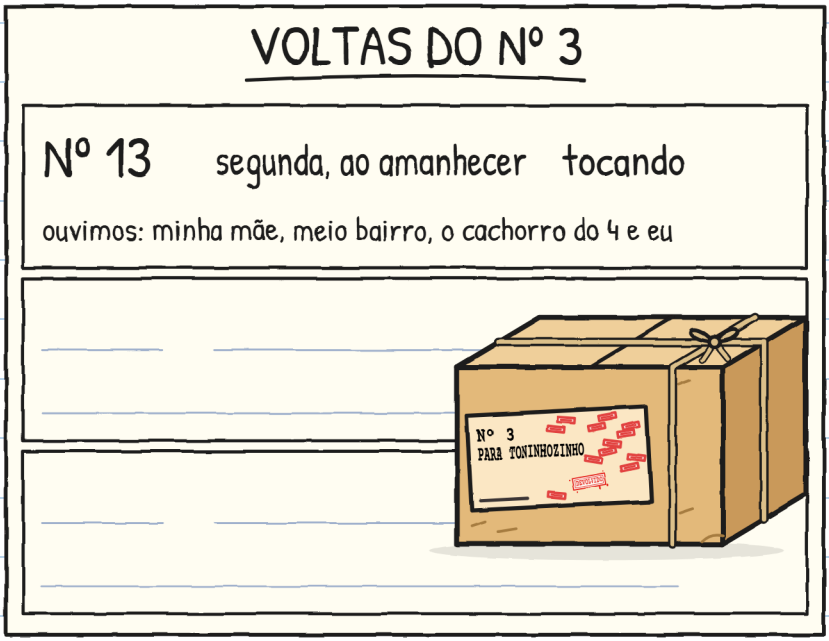
Ao amanhecer, ouvi o nº 3.

Tlim, tlim, tlim.

Depois ele apareceu sobre os telhados. Sem pressa. Soava como o carrinho de sorvete. Acendeu luz em três janelas. Um cachorro latiu. O nº 3 entrou pela janelinha em cima da porta. A Mara deixa aberta para isso.



Depois da escola, fomos à loja. O nº 3 estava na prateleira dele, na estante. Tinha mais um carimbo: treze.



— Não é castigo — disse Mara. — É a regra.
Ninguém assinou: ele volta.

Treze carimbos. Mais uns e a caixa desaparece. —J.

Toninho veio às cinco e vinte, depois de entregar. Não perguntou pelo nº 3. De manhã, ele ouviu o pacote passar por cima da casa dele.

Eu não vi. O Toninho me contou:

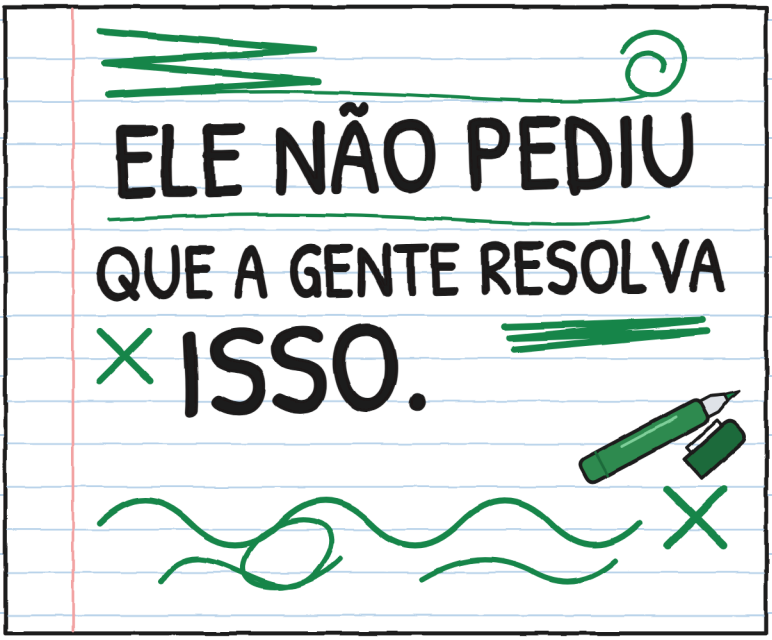
O QUE O TONINHO ME CONTOU



— Deixei a caixa a noite toda no capacho da porta.
— Por que você não levou para dentro? — perguntou Júlia.
— Em casa, muita gente já me chama de Toninhozinho.

— Uma assinatura resolve tudo — disse Júlia quando Toninho foi embora. — Uma. Leva dois segundos. Eu medi com a minha.

Abri o caderno. "O verde não cobre a minha frase", pensei. Escrevi de caneta, apertando:



Eu li. Não concordo. Por enquanto. —J.

Tenho outra ideia. Não me olha assim. —J.

CAPÍTULO 3

Autógrafos

Na terça, saí da escola. Vi uma mesa na calçada da loja. Tinha uma toalha de mesa amarela até o chão. Tinha um cartaz com a letra da Júlia. E algo coberto no meio.



— É um atril, um apoio para assinar com conforto — disse Júlia. — Eu coleciono autógrafos: assinaturas de lembrança.

— Desde quando?

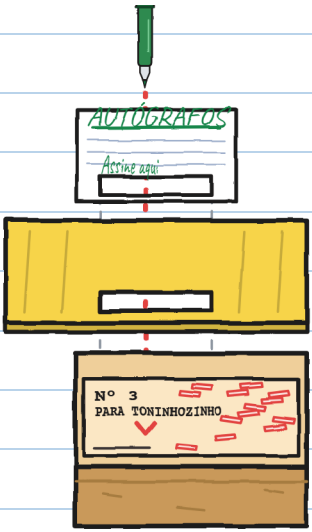
— Desde ontem.

No atril tinha uma folha pautada. Embaixo, uma janelinha cortada com tesoura. A toalha tinha outra igual, bem embaixo.
Levantei uma ponta da toalha. O atril era o nº 3 deitado. As janelinhas deixavam ver a etiqueta virada para cima.

COMO FUNCIONA

1. A folha, com a janelinha.

2. A toalha, com o buraco.



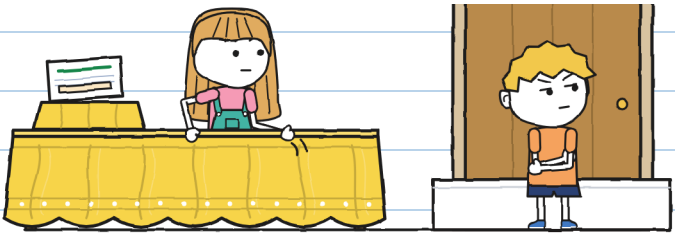
3. A etiqueta do nº 3, na parte que está em branco.

4. Quem assina na janelinha... assina a etiqueta.

— Com a minha canetinha — disse Júlia, feliz, baixinho. — A tinta não apaga. Amanhã o nº 3 não volta. O Toninho descobre quando vê. Surpresa!

— O Toninho não pediu para tirar o nº 3 da loja — eu disse. — Condição dois.
— Ele vai agradecer.
— E a Mara?
— Estava no telefone. Falei: "Mesa de autógrafos". E é.
— E o atril?
— Disso ela não perguntou.

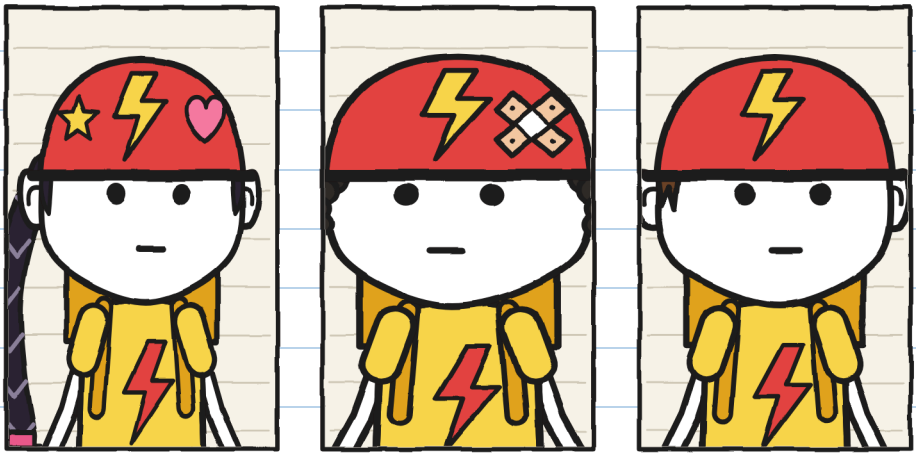
Lembrei a ela o caso da Flora e da oitava semente. Júlia não deixou a Flora assinar antes da hora.
— Não é a mesma coisa. Aquela entrega não estava pronta. Isto é mais rápido.
— Então faz você. Eu não.



Sentou no degrau. Muito sério. Não ajudou em nada. —J.

A RAIO passa pela nossa rua às cinco e dez. São três, em fila.

FICHAS DA RAIO



ZOE, "Foguete":
a mais rápida.
Dá os apelidos.

BRUNO, "Furo":
furou o pneu uma vez.
Faz dois anos.

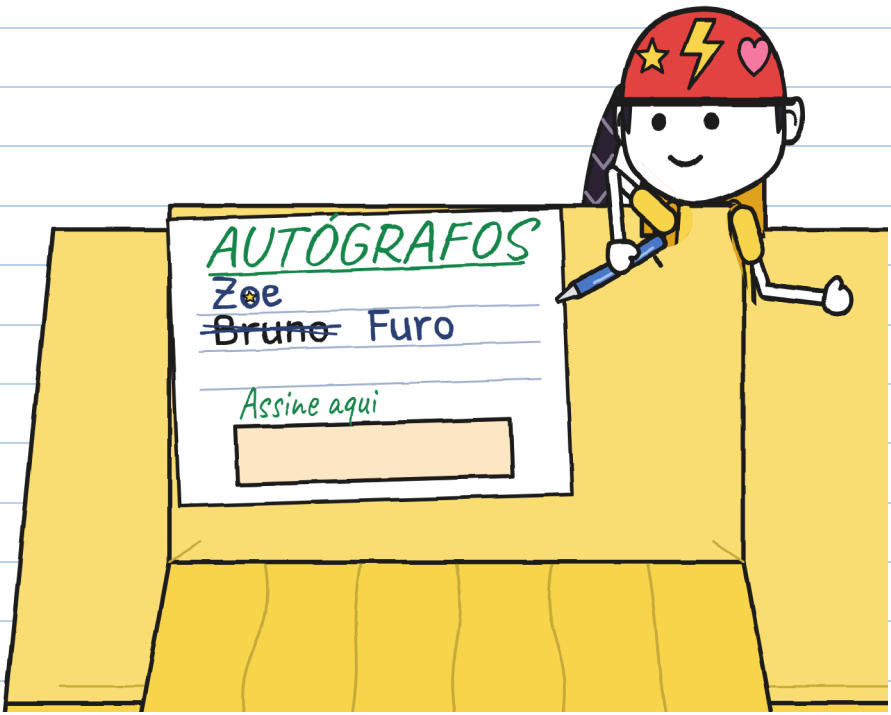
TONINHO:
sem apelido.
Ainda não.

— Autógrafos? Os nossos? — disse Zoe. Freou e desceu da bicicleta.

Ninguém nunca pediu um autógrafo a eles. Por isso funciona. —J.

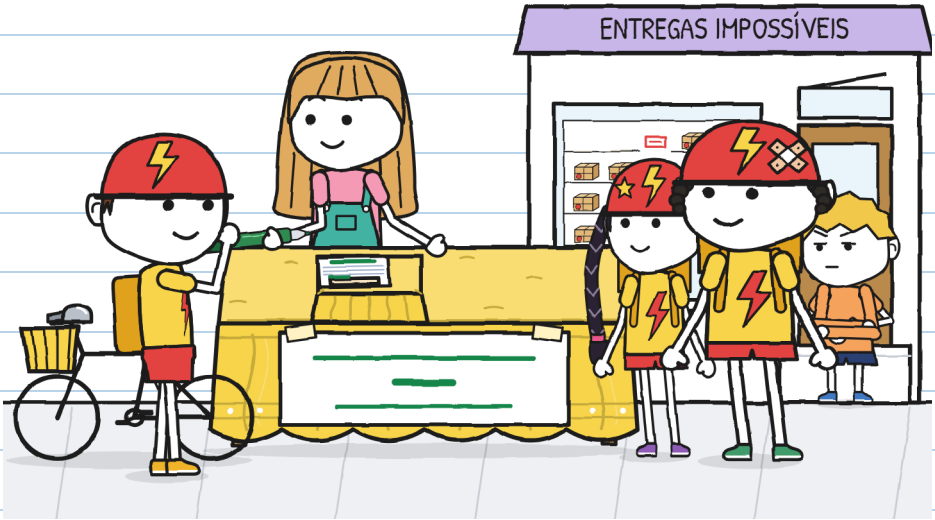
Zoe assinou primeiro, com uma estrela no o. Bruno escreveu "Bruno". Zoe riscou o nome e escreveu "Furo".

— Na RAIO, apelido não sai — Bruno me disse, sem se zangar. — Eu furei o pneu uma vez.



Toninho continuava na bicicleta. Olhava a mesa como olhou o nº 3 no domingo.

— É a sua vez, Toninho — disse Júlia. — Aqui embaixo, no espaço marcado. O melhor lugar.
Deu a ele a canetinha verde dela.
Pela primeira vez, pediam um autógrafo ao Toninho. Ele desceu da bicicleta e ficou direitinho.



Do degrau, eu via tudo. "Não é da minha conta", eu pensava. E ficava calado.

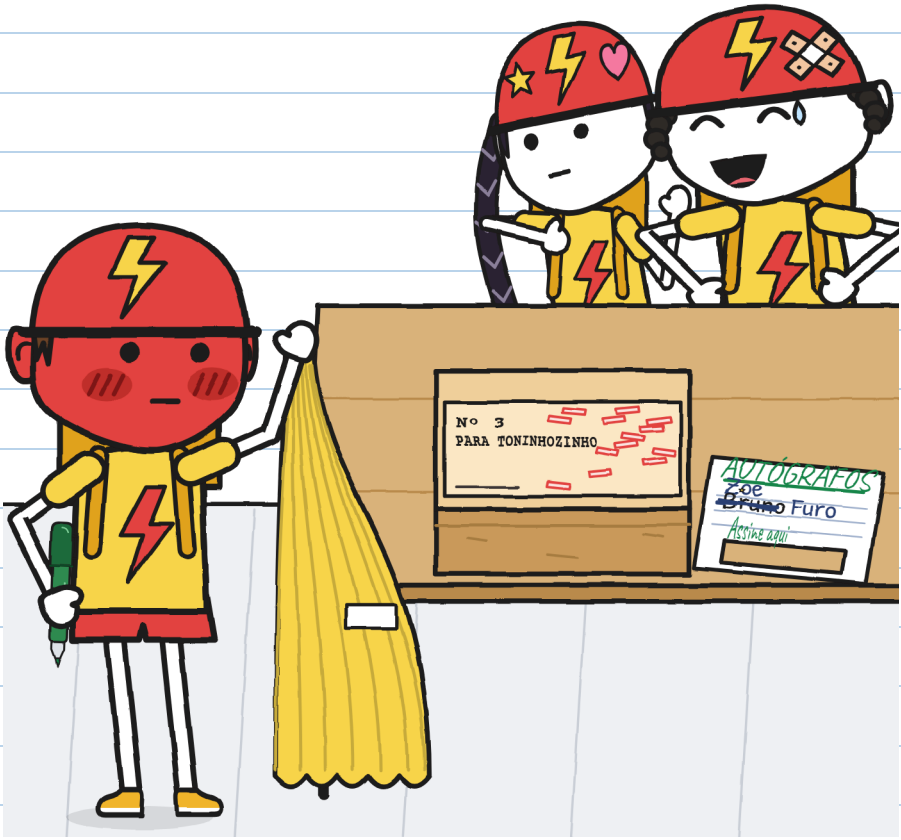
Eu me levantei.

— Toninho, espe...

Cheguei tarde. Toninho puxou o atril de uma vez. Ia assinar. Embaixo da toalha, algo soou:



Toninho levantou a toalha.



— "Para To-ni-nho-zi-nho" — leu Zoe, devagar e contente.

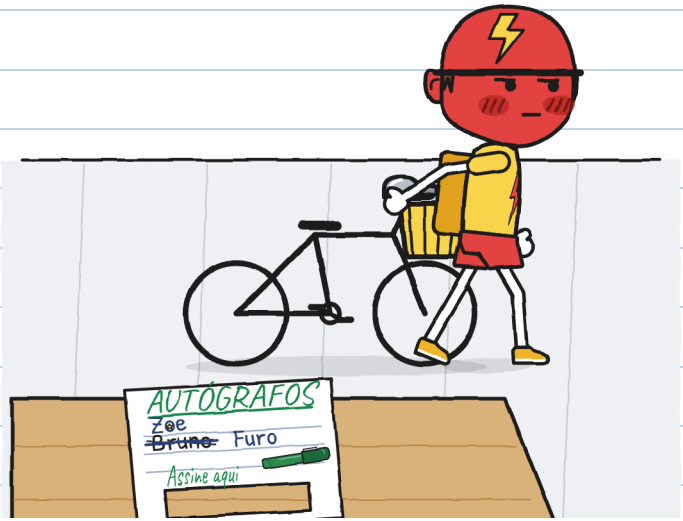
— Toninhozinho? — disse Bruno. Riu.

Zoe não riu. Zoe estava pensando.

Toninho não gritou. Tampou a canetinha devagar. Deixou em cima da folha. Sem assinar.

— A RAIO não assina armadilha.

Foi a pé, levando a bicicleta pelo guidão. Ninguém foi atrás.



Estava da cor do capacete. Não era vermelho de vergonha. Era vermelho de raiva.

O vermelhômetro não tem número para esse. —J.

Mara saiu com o pano roxo. Não perguntou quem tirou o pacote. Olhou o vazio da prateleira, a mesa e a Júlia.
Cobriu o nº 3 e levantou nos braços.
— Este pacote não está entregue — disse a Zoe e Bruno. — O que diz a etiqueta é assunto do Toninho.



Foram embora sem tocar a campainha.

Ajudei a Júlia a recolher a toalha, o cartaz e a folha. Duas assinaturas e um buraco. Não falei "eu avisei". Nem "não foi nada". Foi alguma coisa, sim.

— Você não fez nada — disse Júlia.

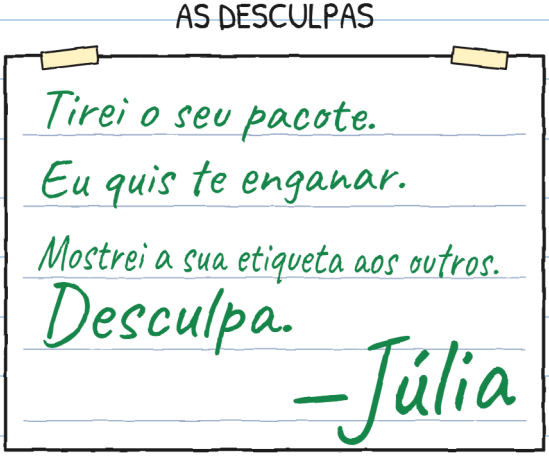
— Avisei tarde. Eu podia avisar antes. Ou chamar a Mara.



Júlia entrou e contou tudo para a Mara, sem ajuda. A janelinha, a toalha, a prateleira, o telefone.

— Para o Toninho, você mesma conta — disse Mara.

Na quarta, Toninho passou às cinco e dez. Não freou. Voltou às cinco e vinte. Passou uma terceira vez. Júlia estava no meio da calçada com um papel.



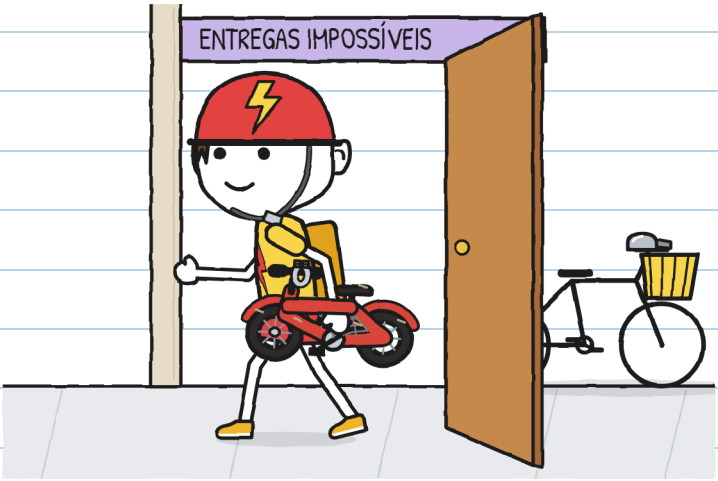
Toninho leu o papel de cima da bicicleta.
— Tá bom. Eu li.
— Você me perdoa?
— Eu disse que li.
Naquela tarde Toninho não foi à loja. A caixa dele ficou vazia.

Assinei com o nome inteiro. Era o mínimo. –J.

CAPÍTULO 4

Uma bicicleta pequena

Na quinta, Toninho entrou na loja. Não olhou para os lados da rua. Trazia uma bicicleta debaixo do braço.



Não era a bicicleta dele. Ou era: a de quando era pequeno.

— Desde domingo, fico pensando no tlim — disse Toninho. — Acho que lembro desse som. Quero ver se acertei.

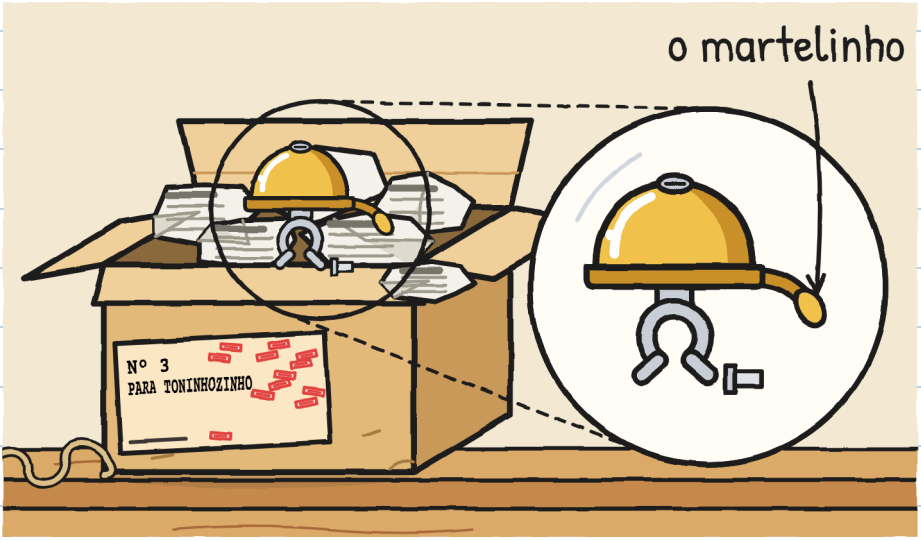
— Quero abrir o nº 3. Aqui não: dá para ver da rua.
Mara nos levou à sala dos fundos, o cômodo
de trás.
— Abrir não é assinar — disse. — Sem assinatura,
volta ao amanhecer.



— Posso ficar? — perguntou Júlia. Ela perguntou.
Toninho demorou.
— Sem mexer em nada.

— Não mexo na caixa. Nem falo do assunto.

Toninho desatou o barbante. Dentro tinha papel de jornal velho. Ele se rasgava sozinho. E no meio do papel...

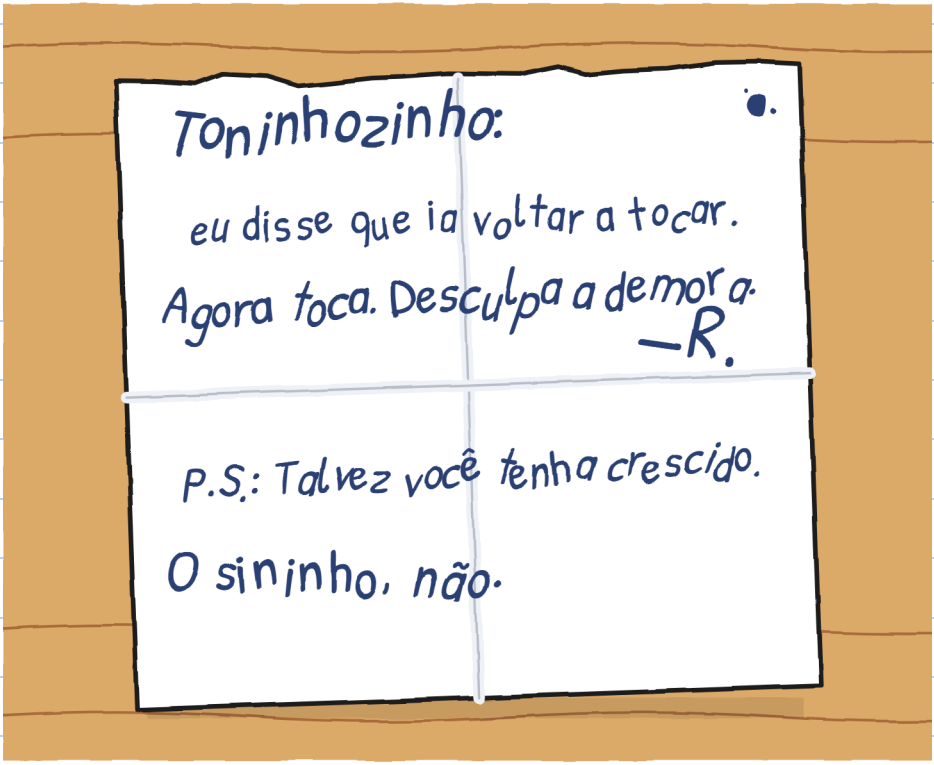


Um sininho de bicicleta, pequeno e dourado. Uma mola faz o martelinho balançar. Se você mexe, toca.

O nº 1 mordia. O nº 2 corria. O nº 3 só toca.

Nem dragão nem patas. Um sininho. Gostei. –J.

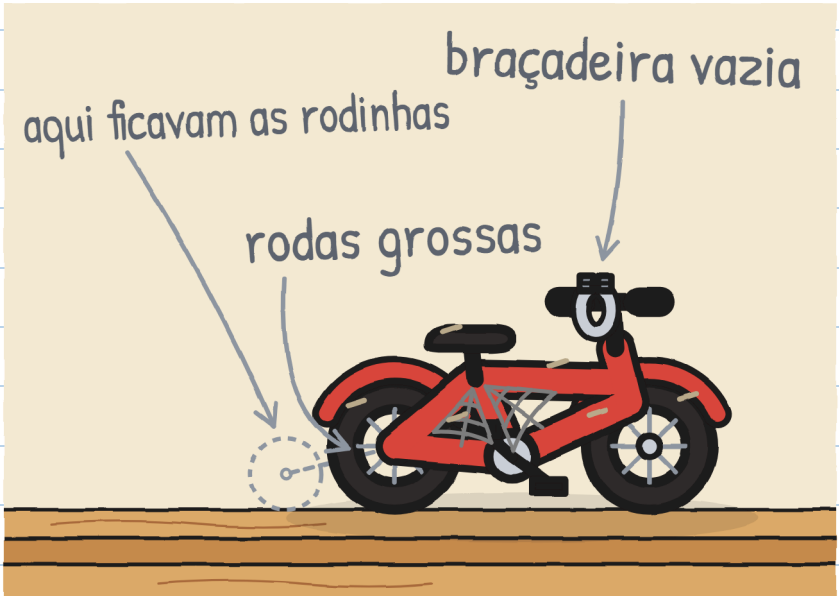
Embaixo tinha um bilhete dobrado em quatro.



Toninho leu duas vezes.
— Que letra feia — disse. E ficou calado um bom tempo.

R. cumpre tarde. Foi a Flora que disse. Não disse QUANTO. —J.

Então Toninho pôs a bicicleta pequena em cima da mesa.

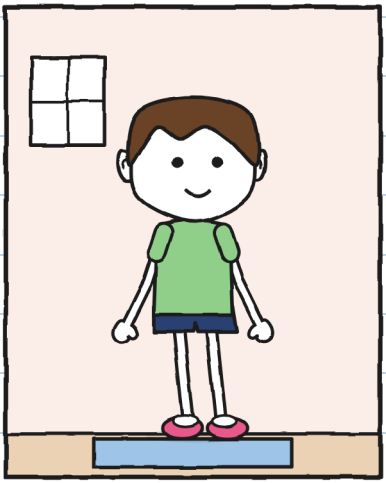


— Era minha. Tinha este sininho, preso na braçadeira. Um dia o sininho parou de tocar: clac. Alguém disse: "Dá aqui, Toninhozinho. Eu conserto e devolvo".

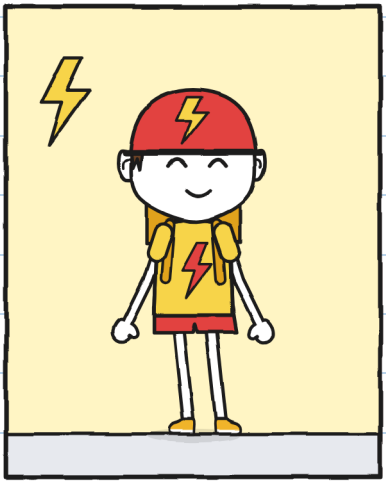
— Quem? — perguntou Júlia sem querer. Tapou a boca.

— Não lembro da cara. Lembro do sininho. E que esperei muito.

— Em casa me chamam de Toninhozinho — disse Toninho. — Na RAIO, Toninho. Escrevi na minha ficha no primeiro dia.
— O que tem de ruim em Toninhozinho?
— perguntei.
— Nada. Até a Zoe falar. Na RAIO, apelido não sai. Olha o Bruno.



EM CASA: Toninhozinho



NA RAIO: Toninho

— O Bruno me chamou de Toninhozinho seis vezes desde terça — acrescentou Toninho.
Júlia se encolheu no canto dela.

— Você ainda cabe? — perguntou Júlia. Não conseguiu evitar.
Mara pôs a bicicleta no chão. Toninho sentou.



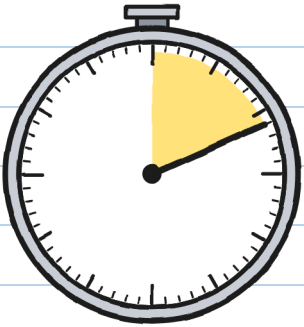
Cabia. Mais ou menos.
Mara fez um ruído, quase uma risada. Toninho riu também. Eu não o via rir desde sábado.

Vermelhômetro: 0. Anoto porque isso também conta. —J.

— Você já tem a campainha da RAIO na bicicleta — eu disse. — Não precisa pôr este sininho. Pode guardar. Ou deixar ele voltar.
— Eu sei — disse Toninho. Mas olhou para mim. Parecia ouvir isso pela primeira vez.

Júlia ficou onze minutos calada, ouvindo, com a canetinha guardada.





11 min

Onze minutos. Minha língua dormiu. —J.

— Quero experimentar sozinho — disse Toninho. Saímos Mara, Júlia e eu. Toninho fechou a sala dos fundos.

Para não ouvir, Júlia atravessou a loja e eu desenhei. O assento do Toninho agora tem dossel: um teto de pano. Ouvi do mesmo jeito.



Tlim.
Era o mesmo tlim de sábado. Depois, outro. E depois nenhum, por muito tempo.

Toninho saiu. Levava o sininho numa mão e a caixa debaixo do braço.

— Levo tudo até amanhã. Sem assinar.

— Então, ao amanhecer, volta — disse Mara.

— Que volte. Quero ficar com isso uma noite.

— E se o Toninho deixar o sininho fora da caixa? — perguntei.

— Nunca testei — disse Mara. — E não vou testar às sete da manhã.

Toninho guardou o sininho e o bilhete na caixa.



Até amanhã faltam catorze horas. Vou contar todas. —J.

Na sexta, minha rua tocou outra vez: tlim, tlim, tlim. Volta nº 14.

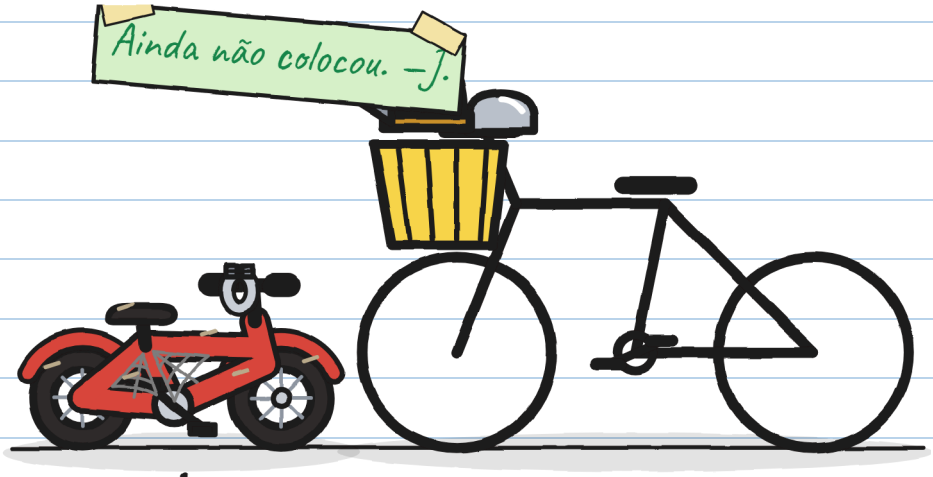
O que aconteceu na noite anterior eu não vi. O Toninho me contou:



— Desta vez o nº 3 dormiu no meu criado-mudo. Não no capacho. Ao amanhecer, batia no vidro. Abri a janela para ele.

Abriu a janela para um pacote.
Que educado. —J.

Desenhei juntas as duas bicicletas do Toninho. Pus o sininho na bicicleta de agora. Ficou bom. Júlia colou um bilhetinho em cima do sininho desenhado.



antes agora

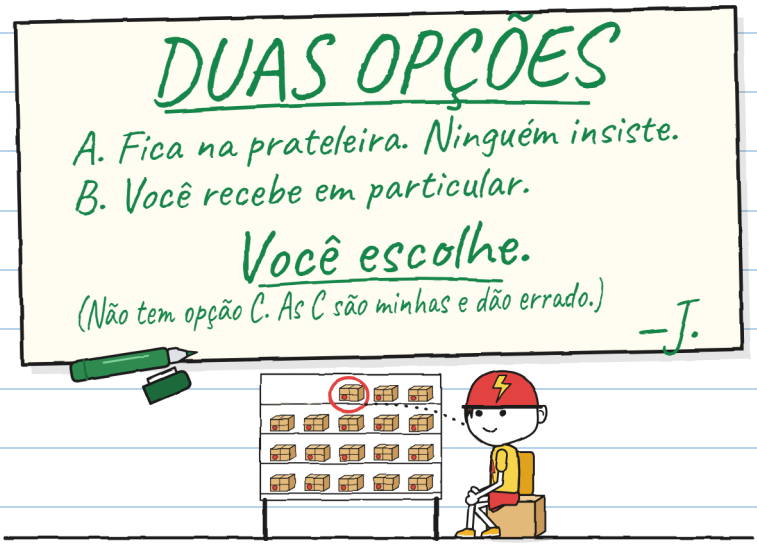
Ela tinha razão. Isso me chateia um pouco.

CAPÍTULO 5

Em particular

Na sexta à tarde, o nº 3 estava na prateleira dele. Tinha catorze carimbos. Toninho olhava de longe, sentado na caixa dele.

Fazia dois dias que Júlia preparava alguma coisa. Fiquei com medo.
Era uma folha com duas opções.



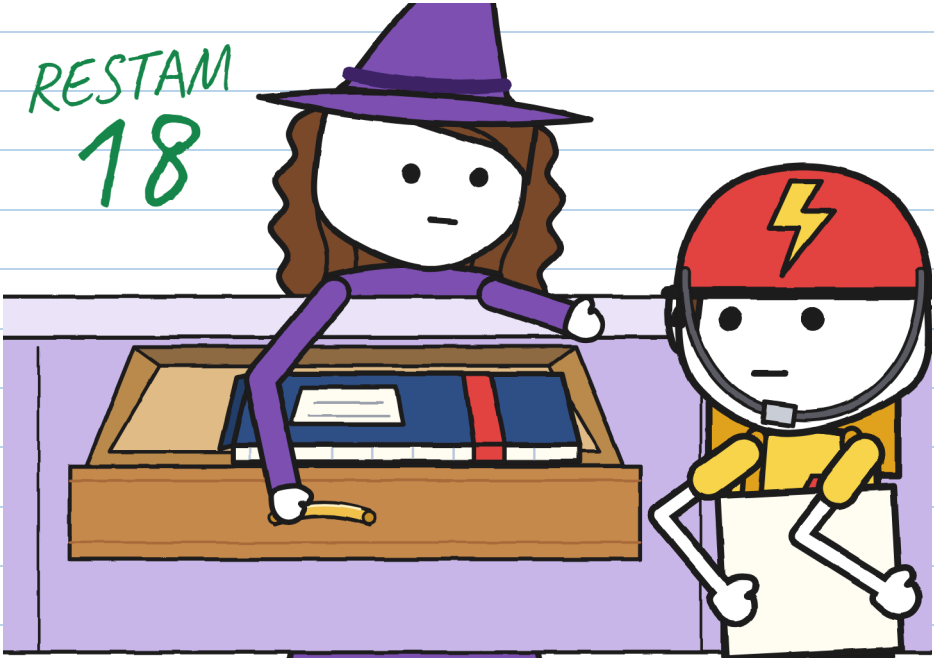
Toninho leu a folha. Olhou para Mara.

— Se eu assino, quem fica sabendo?

— Eu. E o meu livro de registro, onde anoto as entregas. Ele não sai da gaveta.

— E a RAIO?

— Eu não conto. Um registro não é um cartaz.



O cartaz tem números. Os nomes ficam na gaveta. —J.

Toninho se levantou da caixa.

— Escolho a B.

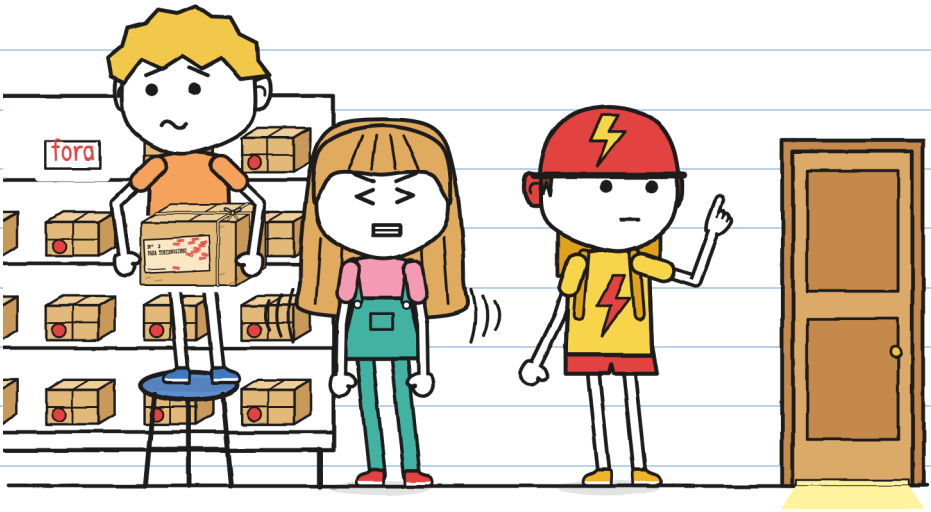
Júlia não pulou. Eu vi: ela não pulou.

— Na sala dos fundos — continuou Toninho.

— Com vocês dois.

— Eu também? — perguntou Júlia.

— Você quer me ver assinar mais do que ninguém. Prefiro ter você na minha frente.



Na sala dos fundos, Toninho tirou de novo o sininho e o bilhete. Olhou devagar, com cuidado.

— Antes de assinar, eu olho o que assino — disse, sem olhar para ninguém.

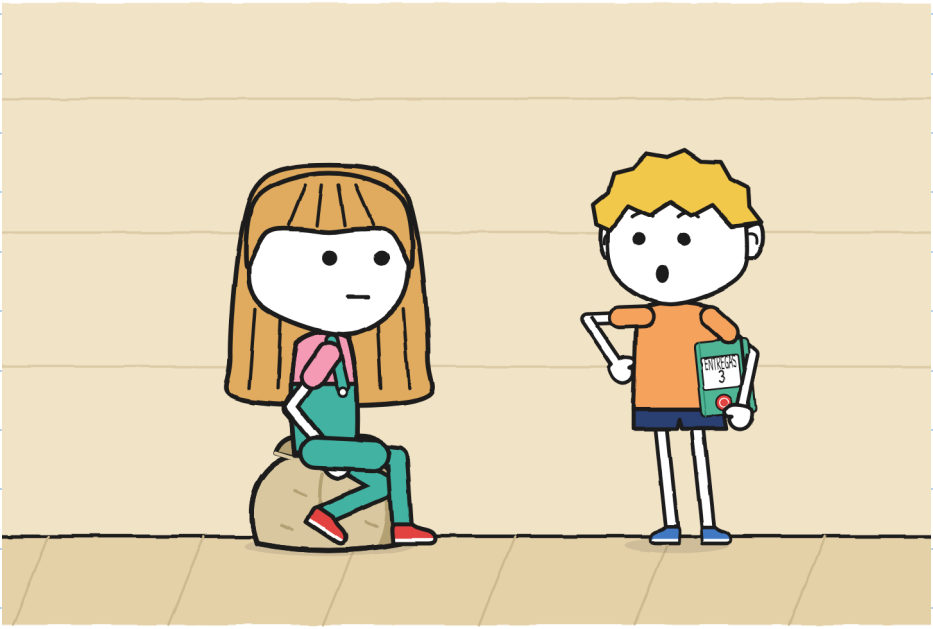
Júlia ficou rosa, como a camiseta dela.



Júlia deu a canetinha verde ao Toninho. Sentou num saco no canto.

— O que você está fazendo? — perguntei.

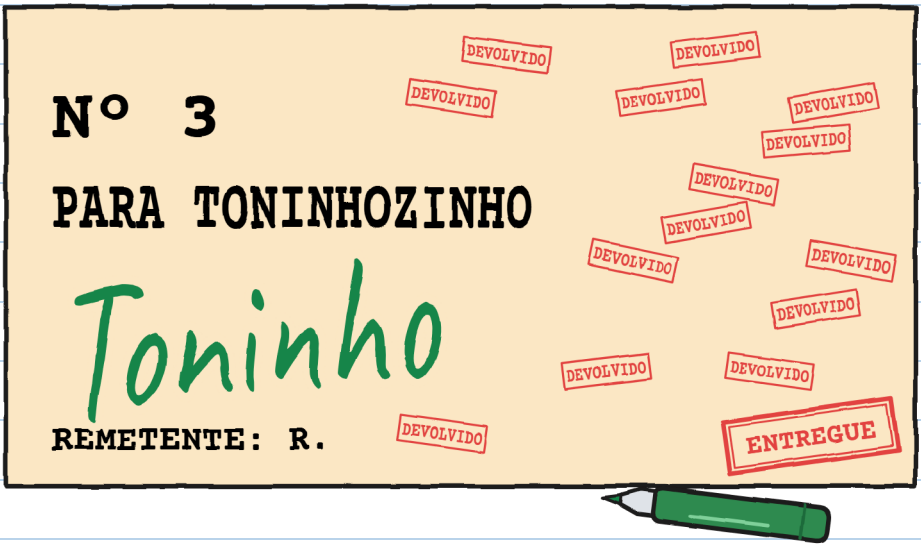
— Estou sentada em cima das minhas mãos. Para não ajudar.



Fechei o caderno e botei debaixo do braço.

Depois ele anotou tudo. —J.

Toninho tirou a tampa da canetinha e assinou.



A etiqueta dizia "Toninhozinho". A assinatura, "Toninho".

— Pode ser assim? — perguntou Toninho. — Não é o mesmo nome.

— Assina quem recebe — disse Mara. — E quem recebeu foi você.

Mara anotou a entrega no livro dela. Júlia já segurava o banquinho azul. Largou no chão.

— Posso mudar o cartaz? — perguntou ao Toninho, não à Mara.

Toninho olhou o cartaz.

— Só tem um número.

— Só.

— Tá bom.



Perguntei primeiro. Anota. —J.

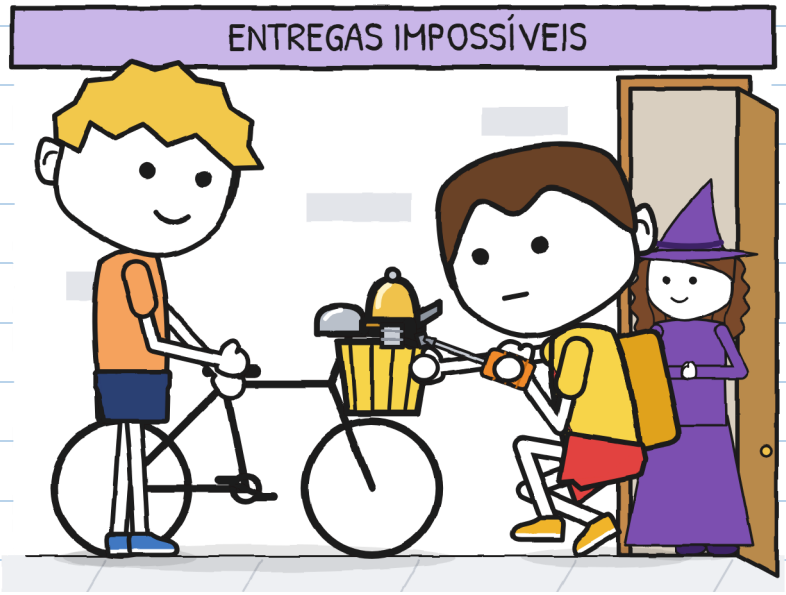
Na calçada, Toninho apoiou a bicicleta na parede. Tirou uma chave de fenda da mochila.

— Vai pôr o sininho? — perguntei.

— Vou.

— E a campainha da RAIO?

— Essa é da RAIO. Este é meu.



Toninho colocou. Eu só segurei a bicicleta. E porque ele pediu. Toninho tocou o martelinho com um dedo.

Tlim.

Às cinco e dez, a RAIO passou. Bruno freou.

— O que está tocando?

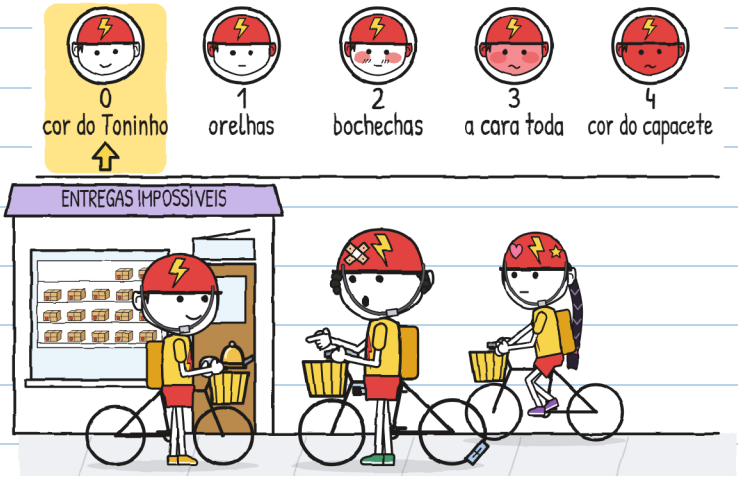
— Um sininho.

— De onde saiu?

— Era meu.

— De quando você era Toninhozinho?

Olhei para o Toninho. Nada de vermelho. Nem as orelhas.

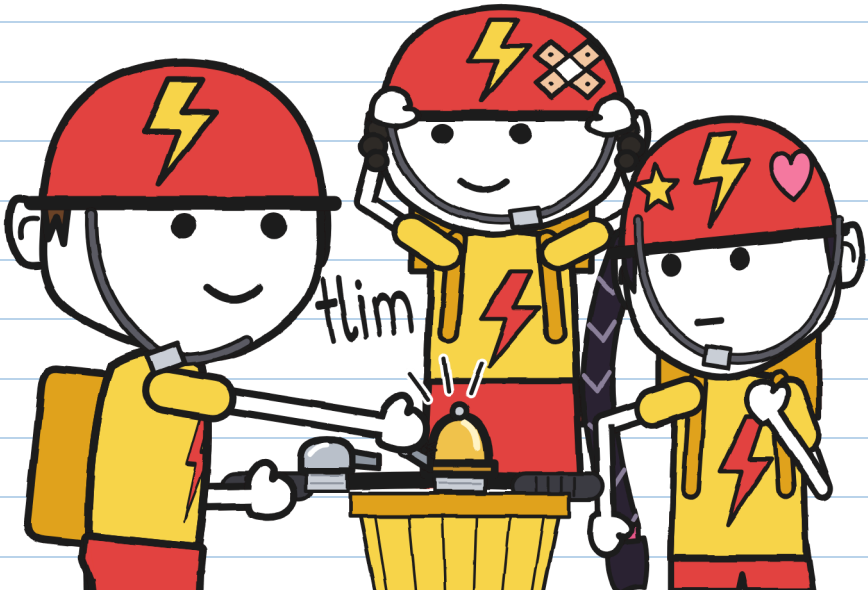


— De quando me chamavam assim. Agora me chamo Toninho. E você, como se chama?

— Fu... — Bruno parou. — Bruno.

— Isso mesmo, Bruno.

Bruno levantou a cabeça. Na RAIO fazia dois anos que ninguém o chamava de Bruno.
Zoe abriu a boca.
Toninho tocou o martelinho. Uma vez.
Tlim.
Zoe fechou a boca. Pensou.
— Soa bem — disse. — Estamos atrasados, Toninho.



Disse "Toninho". Sem acrescentar nada. —J.

Naquela noite, deixei a persiana levantada de novo.

— De novo vigiando? — perguntou minha mãe.

— Hoje eu vigio para não acontecer nada.

— Isso eu faço muito bem. Dorme.



Dormi com a canetinha destampada. Meu travesseiro ficou verde. —J.

Amanheceu.

Nada tocou.

Nem um tlim, nem uma janela acesa, nem o cachorro do 4.

É o silêncio mais bonito que já ouvi na minha rua.

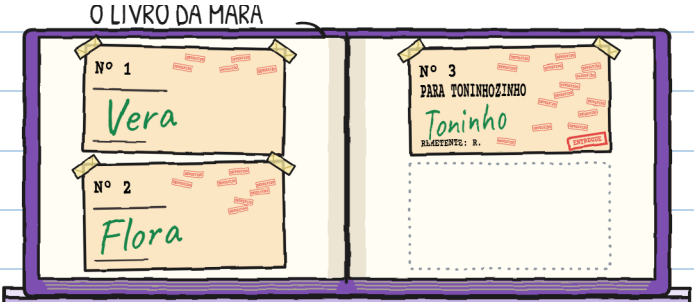


CAPÍTULO 6

Por enquanto

No sábado às dez, desenhei a estante. Dezessete pacotes. Três espaços vazios.

Mara colou a etiqueta no livro dela, junto com as outras duas.



Um ovo, umas sementes e um sininho. Os três chegaram tarde. Os três chegaram.

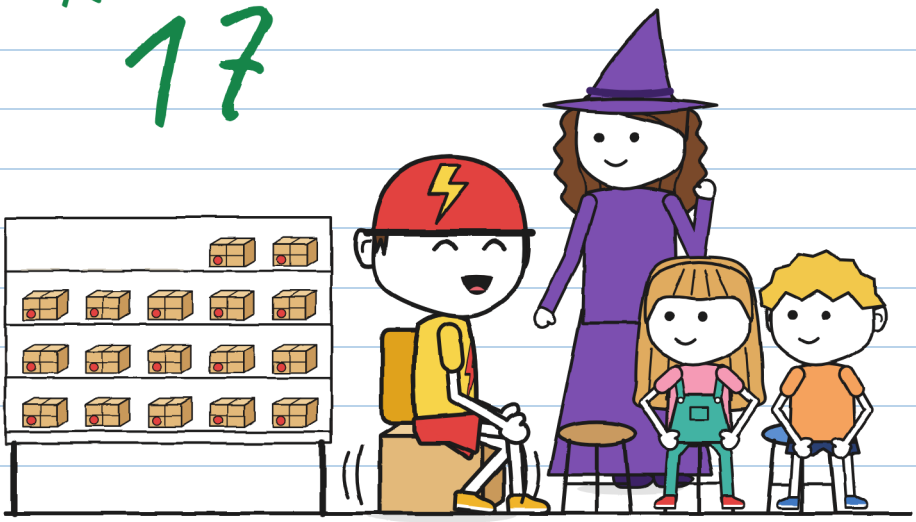
Toninho assinou o terceiro. Desta vez eu só passei a canetinha. —J.

Toninho sentou na caixa dele e se mexeu. Dessa vez, não olhou para a estante.

— O seu assento é "por enquanto" — disse Mara.

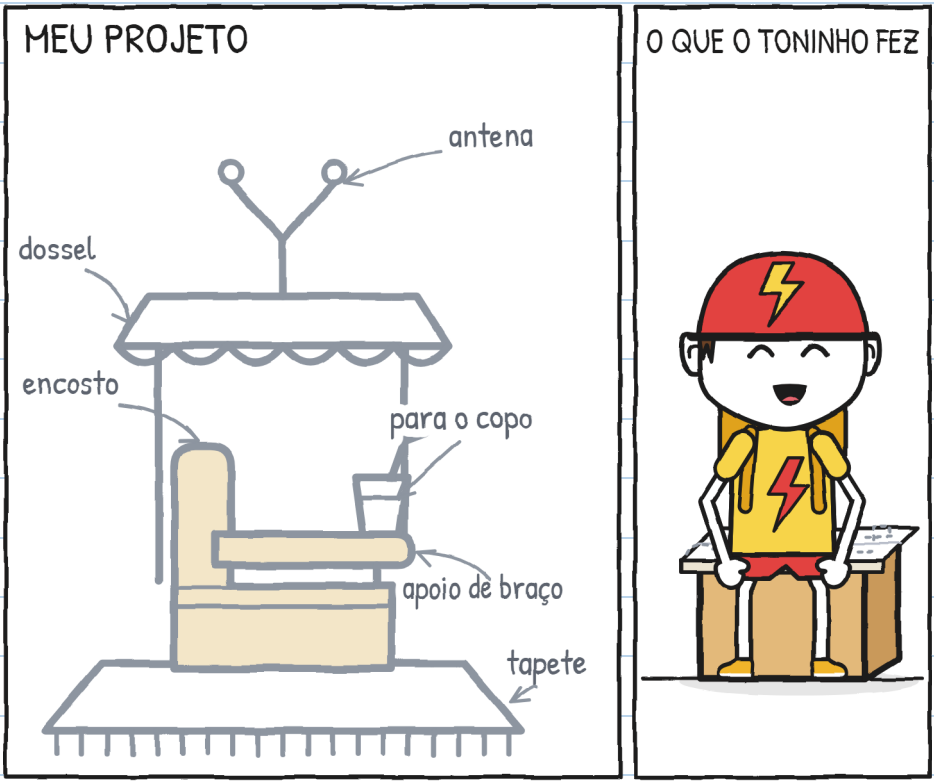
— Por enquanto me serve — disse Toninho.

RESTAM
17



"Por enquanto" pode durar anos. Pergunta ao nº 3. —J.

Mostrei ao Toninho o meu projeto: o desenho do assento. Levei a semana toda.



— Me dá?

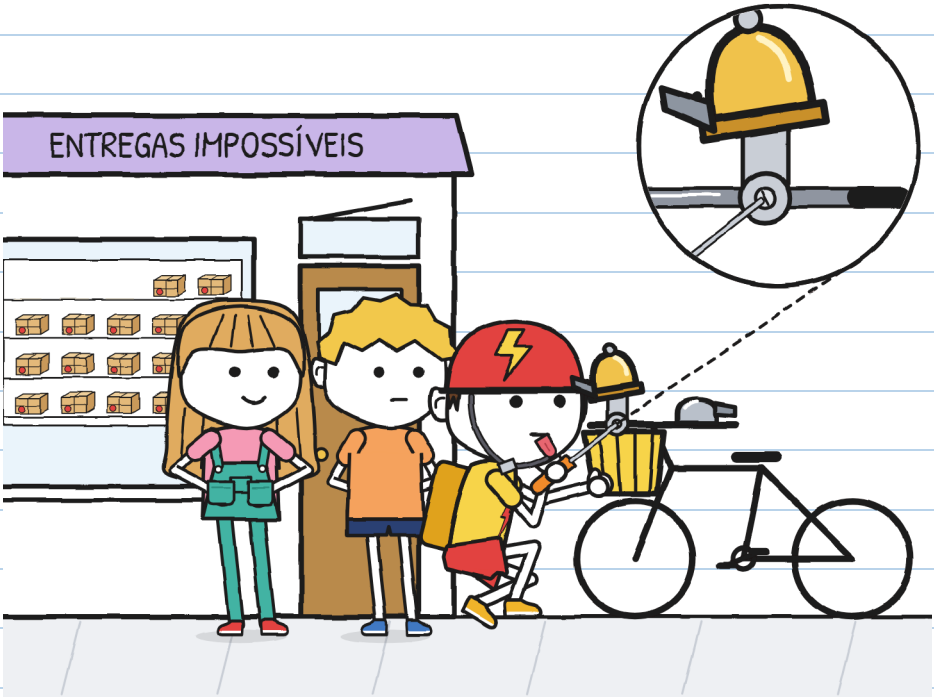
Dobrou o desenho em quatro. Pôs em cima da caixa e sentou.

Lá fora, o sininho estava torto no guidão.

— Eu seguro enquanto você aperta — eu disse.

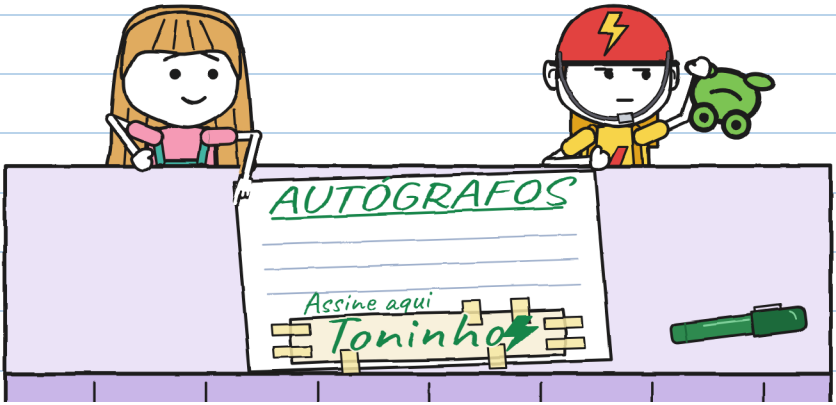
— Eu consigo.

Toninho conseguiu. Eu olhava o parafuso. Parecia ter cem voltas.



Júlia pegou a folha dos autógrafos. A janelinha estava tapada com papel e muita fita adesiva.

— É a da armadilha — disse Júlia à Mara, sem esperar perguntas. — Eu consertei.
Pôs a folha na frente do Toninho.
— Você me dá um autógrafo? De verdade. Sem nada embaixo.
Toninho olhou embaixo da folha. Olhou embaixo do balcão. Virou o sapo de cabeça para baixo.
— Tá bom.



Eu mereço. —J.

Ao meio-dia, Toninho saiu para uma entrega.
Um senhor de boina atravessava devagar, com a bengala.
Toninho freou. Esperou. Tocou o sininho uma única vez. Como quem diz: "Estou aqui".
Tlim.



O senhor levantou a bengala para cumprimentar e continuou devagar.

— É Don Antonio — disse Mara. — O segundo Toninhozinho da minha lista.

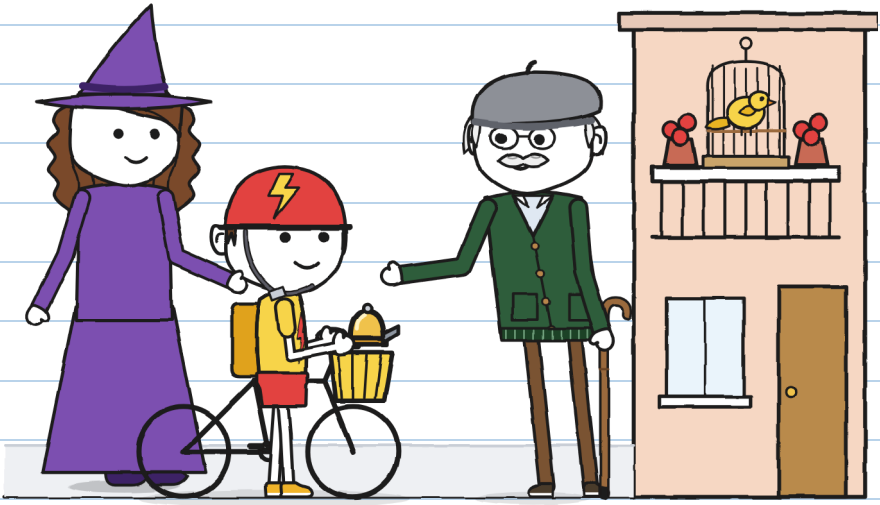
— O sininho é novo? — perguntou o senhor, já na nossa calçada.

— É velho — disse Toninho. — Era meu. De quando me chamavam de Toninhozinho.

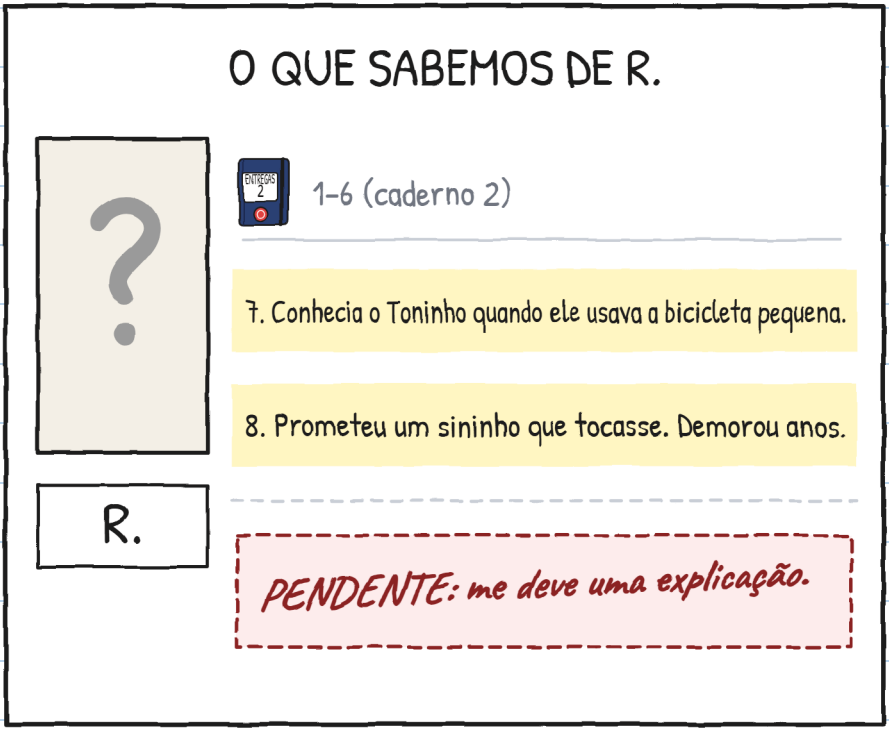
— Faz sessenta anos que ninguém me chama assim. Trocamos? Você, Don Antonio; eu, Toninhozinho.

Toninho pensou.

— Por enquanto, não.



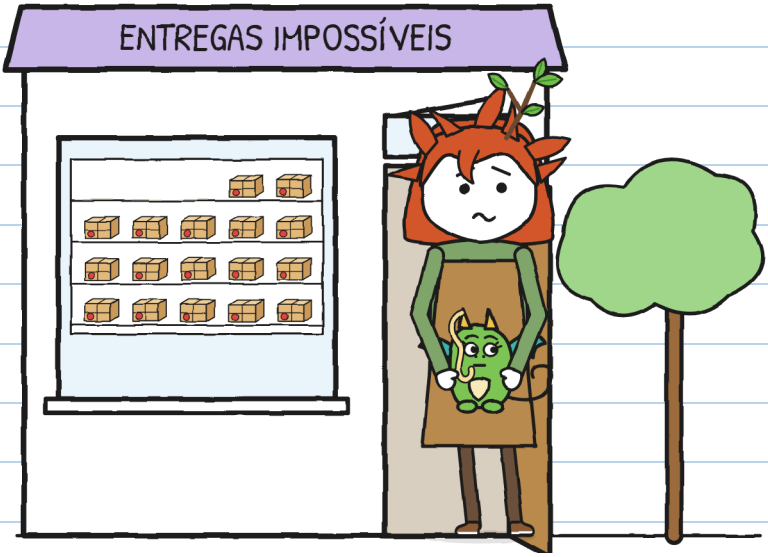
Peguei a ficha de R. Já tinha seis pistas.
Acrescentei duas. Toninho me pediu a caneta.
Escreveu embaixo, com a letra dele.



— Você vai agradecer? — perguntou Júlia.
— O agradecimento e a reclamação. Os dois. Ainda não sei quem é R.

À uma da tarde, Vera entrou. Trazia a Migalha no colo e um raminho no cabelo.

— Preciso de ajuda. A Migalha já sabe sair voando. Precisa de um lugar seguro para descer. — Fez uma pausa. — Ontem ela escolheu a minha sopa.



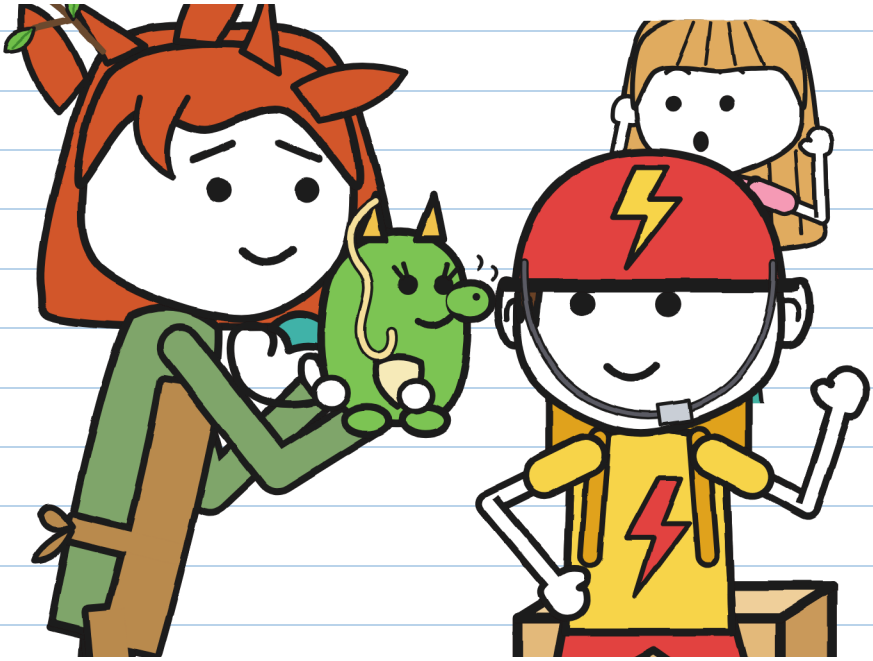
A Migalha olhou para mim e fez a minha cara de "não fui eu".

Igualzinha à sua. Com macarrão. —J.

— Você precisa de alguém rápido? — perguntou Toninho, da caixa.

— Para me ajudar, é preciso saber esperar — disse Vera.

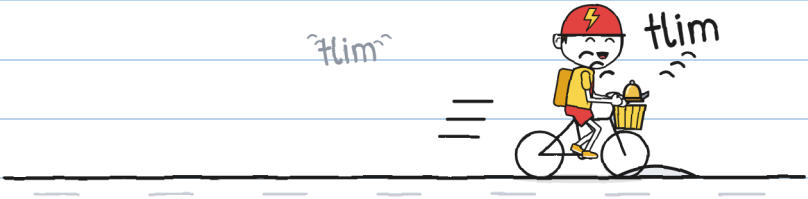
— Eu também sei. Desde esta semana.



Eu também sei esperar. Já deu? –J.

ENTREGA Nº 3. Quanto cada um demorou:

	RAIO: dez minutos.
	R.: anos.
	Toninho: seis dias.
	Júlia, ouvindo: onze minutos (recorde).

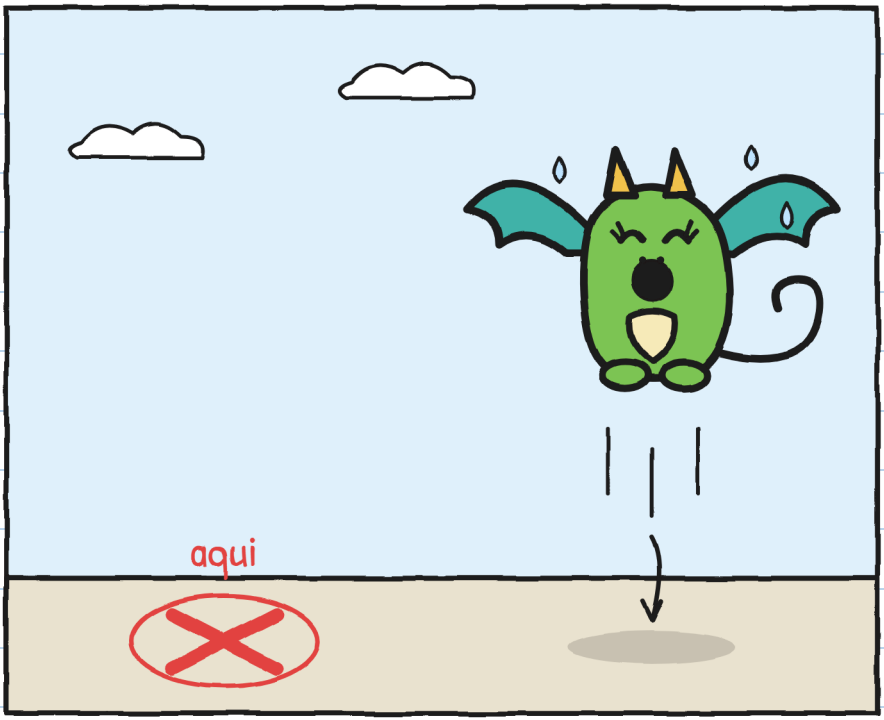


Toninho saiu para entregar. Na rua soou um tlim.
E outro.
Desta vez, quem tocava o sininho era ele.

Eu ainda toco sozinha. Estou aprendendo. –J.

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 4

(em breve)



Onde aterrissa um filhote de dragão que imita você? –J.

O BAIRRO (versão 3)



E VOCÊ, COMO SE CHAMA?

Chamavam o Toninho de Toninhozinho. Agora ele escolhe o nome dele. E você?

Gosto que me chamem de...

Também podem me chamar de...

Prefiro que não me chamem de...

Eu sou a Júlia. "J." só quando assino. –J.

UMA HISTÓRIA, SEIS TAMANHOS

Tem seis tamanhos, dos 3 aos 16 anos, e mais de 20 línguas. XXS, XS, S, M e L têm as mesmas páginas e os mesmos desenhos. O XL é um romance. Só muda o jeito de contar.

TAMANHO XXS · PRÉ-A1

MARA E TONINHO RIEM. ESTÁ VENDO A BICICLETA VERMELHA?

TAMANHO XS · A1

Mara quase riu. Toninho riu também. Eu não o via rir desde sábado.

TAMANHO S · A2

Mara fez um ruído, quase uma risada. Toninho riu também. Eu não o via rir desde sábado.

TAMANHO M · B1

Mara fez um barulho. Parecia uma risada. Toninho riu também. Não o via rir desde sábado.

TAMANHO L · B2

Mara fez um barulho que, em outra pessoa, teria sido uma risada. Toninho também riu. Eu não o tinha visto rir desde sábado.

TAMANHO XL · B2-C1

Romance ilustrado · 13+

Níveis do QECR indicativos, para quem aprende português.

Cada um no seu tamanho. Mesmo tlim. —J.

PARA FAMÍLIAS E PROFESSORES

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

BICICLETA DE VERDADE: O QUE FAZER

1. Capacete sempre, e bem afivelado. Também para ir "só aqui do lado".
2. Seja visto e ouvido: luzes, roupa clara e campainha. A campainha avisa; não manda.
3. As duas mãos no guidão. Se alguma coisa distrair você, pare num lugar seguro.
4. A calçada é de quem anda a pé: nela, bicicleta na mão. Antes de atravessar, pare e olhe.

O carimbo SÓ NA HISTÓRIA marca o que acontece na história e não acontece na rua.

ANTES DE SAIR, REVISE SUA BICICLETA

